

MICROSCOPIO

Um brilhante cronista, que se distingue tanto pelo sabor clássico da cultura, como pela beleza do estilo, tentou o outro dia o elogio do oportunismo e dos oportunistas, principalmente dos grandes e bem sucedidos oportunistas. Ao talento, tudo se permite. E é, justamente, na sustentação das mais arrojadas proposições, que a sua pujança se manifesta.

Nada argüiria eu, pois, aqui, se, para melhor poder afirmar a sua tese, não tivesse procurado o escritor ridicularizar os "homens de princípios", isto é, os homens de pensamento e caráter, que sómente sabem proceder de acôrdo com as suas convicções profundas. Esquecendo o Cristo, que morreu por alguns sublimes princípios ainda não de todo realizados; esquecendo Péricles, que, incarnando como ninguém o princípio democrático na antiguidade, deu o seu nome a um dos séculos de maior esplendor; esquecendo Washington, que por defender um princípio, recusou a segunda reeleição; esquecendo Bolívar, que por amor da democracia recusou a coroa que lhe ofereciam os povos americanos; esquecendo, enfim, tantos e tantos outros vultos, pois é felizmente numerosa esta "espécie antiga e, de certa maneira, cômica" dos homens de princípios; esquecendo tudo isto, apegou-se o jornalista a um personagem da comédia "As Nuvens", de Aristófanes, o ferrenho aristócrata ateniense.

Poderosa arma é, por certo, o ridículo e útil, sobretudo, quando faltam argumentos sérios. E' mais fácil esgrimir contra caricaturais bonecos de engouço, adrede preparados, do que contra verdadeiras e fortes personalidades. Poderosa arma, o ridículo, sem dúvida nenhuma, mas perigosa e traiçoeira.

Que pensaria, por exemplo, o meu cintilante confrade (que se diz conservador e se confessa sinceramente católico), se, pretendendo combater os espiritos alta e verdadeiramente religiosos, que sómente podem merecer respeito e inveja, argumentasse alguém com o imortal Tartufo de Molière?

RAUL PILLA